

## **PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA AULA DE CAMPO EM CAMETÁ-PA**

**Geovana Do Rosário Silva**

geovanarosario96@gmail.com<sup>1</sup>

**Matheus Carvalho De Abreu Rodrigues**

carvalhorodrigues1997@gmail.com<sup>2</sup>

**Ana Carolina Dos Santos Dias**

Kadiazys@gmail.com<sup>3</sup>

**Jeniffer Andreissy Alves Souza**

Jenifferandreissy1@gmail.com<sup>4</sup>

### **Resumo**

*Este trabalho consiste no relato de experiência acerca da pesquisa de campo realizada na cidade de Cametá-PA, pela turma de licenciatura em geografia do IFPA. Nesta produção será abordada as contribuições de fazer uso da metodologia de pesquisa de campo no ensino de geografia, ressaltando os aspectos urbanos, físicos Histórico-culturais e identitários de Cametá, os quais constituem a totalidade da cidade que foi analisada durante o exercício de campo.*

**Palavras-chave:** Urbanização, identidade, meio ambiente

### **Introdução**

O presente trabalho consiste no relato de experiência acerca da pesquisa de Campo realizada na cidade de Cametá-PA, pela turma do 4º semestre de Licenciatura em geografia do

---

<sup>1</sup> Graduanda em licenciatura em geografia. Bolsista do PIBID. Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará- Campus Belém. Trabalho feito a partir de um trabalho de campo realizado pelo curso de licenciatura de geografia.

<sup>2</sup> Graduando em licenciatura em geografia. Bolsista do PIBID. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará- Campus Belém. Trabalho feito a partir de um trabalho de campo realizado pelo curso de licenciatura de geografia.

<sup>3</sup> Graduanda em licenciatura em geografia. Bolsista do PIBID. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará-Campus Belém. Trabalho feito a partir de um trabalho de campo realizado pelo curso de licenciatura de geografia.

<sup>4</sup> Graduanda em licenciatura em geografia. Bolsista do PIBID. Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. Trabalho feito a partir de um trabalho de campo realizado pelo curso de licenciatura de geografia.



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Belém. Durante o Campo, foram abordados temas como a formação Histórica da cidade, seus processos de urbanização, sua constituição cultural e identitária e seus aspectos biogeográficos. Destarte, tais assuntos são tratados sob a perspectiva do uso e da contribuição do trabalho de campo como metodologia de ensino na graduação.

Visando a valorização do trabalho de campo como prática de ensino na geografia, este relato se constrói no sentido de ressaltar os aspectos urbanos e naturais observados, e sua interrelação na produção do espaço. É importante destacar a contribuição do campo para a desmistificação da dicotomia na geografia através da análise da influência de diferentes aspectos e características (sejam eles humanos ou físicos) na composição e funcionamento da paisagem e do território.

O PPC ( Projeto Político de Curso) de 2017 do Curso de Geografia do IFPA, e a ementa da disciplina trabalho de Campo II, a qual guiou todo o processo que levou à pesquisa de campo, prevê o ensino de aspectos como cidades amazônicas, ecologia, a relação entre meio urbano e meio natural, o ensino de geografia e as práticas do campo. Desta forma, a cidade de Cametá se apresenta como o espaço ideal para a análise de todos esses fatores, sendo uma das mais importantes cidades da região do baixo Tocantins e tendo importância ímpar no que diz respeito à história da Amazônia e seus processos. Cametá ainda apresenta uma variedade biótica apropriada para a pesquisa de inúmeros aspectos vegetais, hidrográficos e ambientais como um todo, sempre atentando à correlação de tais aspectos com a urbanização da região.

A construção deste trabalho inicialmente teve como base os trabalhos de campo realizados na cidade Cametá, pela disciplina Trabalho de Campo Integrado II, do curso de geografia. Utilizou-se os relatos de moradores locais obtidos através de palestras, roteiros geoturísticos e relato de experiência feito de forma oral. Desta maneira, mesclaram-se perspectivas pessoais acerca das dinâmicas ocorridas na cidade com informações obtidas através de referências bibliográficas oriundas de pesquisas acerca da região do Baixo Tocantins e em particular, de Cametá. Fora utilizado também como material de apoio, relatórios de campo produzidos a partir de observações em diários de campo.

### **A aula de campo como metodologia no ensino de geografia**

Diante de toda problematização existente no ensino de Geografia, quanto a alcançar mais significado na aprendizagem dos discentes, o professor procura dar autonomia a este processo. Nesse âmbito, a atividade de campo torna-se um laboratório para explicar as relações interdependentes do meio biofísico e dos aspectos antrópicos.

Essa prática educativa possibilita vivência, visualização e a interação com os próprios atores de um local, proporcionando a construção de um novo olhar, isto é, uma capacitação do educando em pensar a Geografia. Autores como Kellner (1995), defendem que a atividade de campo leva uma compreensão de:

[...] desconstruir o óbvio, tomando aquilo que é familiar e tornando-o estranho e não familiar e, assim, fazendo com que prestemos atenção à forma como nossa linguagem, experiência e comportamento são socialmente construídos, sendo, pois, estrangidos, sobre determinados e convencionais, estando ao mesmo tempo sujeitos à mudança e à transformação. KELLNER (1995, p.109)

Desta forma, a atividade de campo resulta na construção de um exercício de observar, conhecer e refletir, construindo possibilidades de um novo olhar e interpretações sobre a realidade. Nota-se que essas possibilidades geradas pela atividade de campo fortalece o discurso um tanto quanto “velho” da geografia. De acordo com Souza e Pereira (2008), a importância do trabalho de campo promove um discurso de desconstruir a dicotomia geografia física/geografia humana ainda muito presente no nosso meio, visto que a geografia estuda os fenômenos resultantes da relação do meio social e do meio natural.

Pondera-se, no entanto, o papel dos professores na constituição do campo no qual tem-se vários elementos para fazer uma atividade efetiva, uma vez que um dos papéis principais dos professores é de instigar os discentes em todo o momento, isto é, de incentivar o discente na construção de hipóteses, de análises, reflexões e de questionamentos durante a pesquisa de campo. Conforme Alentejado e Rocha-Leão (2006):

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Neste sentido, o trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas parte desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos. (Alentejado e Rocha-Leão, 2006, p. 57)

Ressaltando sua relevância para o ensino-aprendizagem, destaca-se as etapas de um trabalho de campo. Neves (2015) aponta três etapas principais para a atividade de campo: a que



antecede a saída de campo, o trabalho de campo propriamente dito, e as atividades realizadas após a saída de campo, isto é, o pré-campo, a prática do campo e o pós-campo.

O pré-campo é a fase que cabe parte aos docentes e parte aos discentes, em outras palavras, os professores planejam e organizam como deverá se realizar a atividade, como por exemplo, a organização das providências admirativas. A partir dessas providências, faz-se uma visita prévia no local para gerar conexões com moradores, comerciantes e professores da universidade do local; define-se a moradia temporária, assim como a alimentação dos discentes. A posteriori os docentes ministram aula sobre os conceitos geográficos que poderão ser usados no campo, uma espécie de prática de observação, que dará base para a próxima fase do trabalho.

A prática do campo possibilita ao discente a observação da complexidade da realidade e que a partir dela construa sua própria compreensão do espaço vivido. O pós-campo é a sistematização dos dados recolhidos e a buscar por referenciais teóricos que sejam capazes de explicar os objetos observados em campo, isto posto, o pós-campo é um processo de autoavaliação de como foi conduzida a atividade e o processo de apresentar um breve relato de experiência, sobre como utilizar a aula de campo como metodologia ativa.

### **Os aspectos do espaço urbano da cidade de Cametá-PA**

A cidade de Cametá sofreu processos de urbanização singulares e complexos, já que mesmo sendo uma cidade a beira rio, tornou-se essencial para a dinâmica urbana no contexto geral da Amazônia. Na cidade é possível perceber o processo e a valorização de variados aspectos culturais e tradicionais que integram seus elementos distintos de forma calma e pacífica, algumas estruturas da cidade de anos passados e de épocas que marcaram ainda podem ser visualizadas.

Diante disso, na aula de campo em Cametá-PA em dois momentos específicos foi possível observar e entender como ocorreu o processo de urbanização na cidade, em uma palestra na Universidade Federal do Pará/ Campus- Cametá, o palestrante prof. Marcel Ribeiro Pandinha, que apresentou sua dissertação de mestrado como tema central da palestra, sendo esse, *“Em terras precárias quem tem pouco e centro- O papel das pequenas cidades na rede urbana amazônica: Uma análise de Cametá”*, e num segundo momento houve o Roteiro Geoturístico em Cametá- PA, com o tema *“Desvendando o centro histórico da cidade de*

*Cametá-PA*”, realizado pela Faculdade de geografia (FAGEO) e pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

A partir disso, a urbanização no contexto amazônico é proveniente desde o período de ditadura militar vivido no território brasileiro com um discurso de integração, entretanto esta forma desordenada de ocupação não respeita e nem compreende os aspectos comuns e suas especificidades naturais do domínio amazônico. Características essas, que se refletem no modo de vida das populações que hoje habitam a Amazônia e que cada vez mais tem se desenvolvido com o surgimento das cidades de variados portes, ocorrendo desta forma, a multiplicação destes centros urbanos que estão inseridos na Amazônia.

Destaca-se, que o município exerce uma dinâmica interurbana e intraurbana territorial, sendo conectada com as cidades ao seu redor, o que faz a cidade de Cametá possuir maior visibilidade dentre as oito cidades localizadas na região do Baixo Tocantins, isso lhe resulta em uma espécie de responsabilidade territorial com as demais localidades, ou seja, é decorrente daquele espaço uma natureza centrípeta e centrífuga do espaço, havendo um processo de agregação e desagregação com estes locais, assim como defende Campos (2008) que debate sobre como que as cidades adquirem suas horizontalidades e verticalidades:

As cidades são, em geral, o ponto de intersecção entre horizontalidades e verticalidades. Forças centrípetas (de agregação, de convergência) conduzem a horizontalização e as forças centrífugas (de desagregação, quando retiram os elementos de comando da própria região) conduzem a verticalização. CAMPOS (2008, p. 163)

Assim refletindo sobre os aspectos territoriais internos e externos, o que se observa é o contraste das comunidades tradicionais representativas dessa área que se caracterizam numa feição não-urbana, com os novos fatores que integram a nova dinâmica socioespacial encontra-se alguns elementos urbanos na cidade. Tendo em vista que na aula de campo observou-se, que a porção urbana de Cametá se restringe a poucos aspectos urbanos, ou seja, porção central do espaço urbano da cidade de Cametá, onde é possível avistar um trecho do rio Tocantins, ilustra organização do centro urbano, com as praças: Praça Jardim dos Artistas, Praça da Bandeira e Praça da Prefeitura; Prefeitura Municipal de Cametá; Escola Municipal de Ensino Fundamental General Osório e Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas; estabelecimentos comerciais,



residenciais, destacamento, posto de atendimento da Polícia Militar, bancos, delegacia da Polícia Civil e o Museu Raimundo Penafort de Sena.

Com a consolidação deste centro urbano, podemos olhar para a história da colonização de Cameté e entender os três processos de urbanização em que a cidade se desenvolveu. A expressão da urbanização Pombalina se desdobra no momento da expulsão de jesuítas, mercedários e franciscanos pela coroa portuguesa, isto posto, afirma-se que Cameté servia de apoio pra Belém, de tal modo que o Marques de Pombal realizou reformas importantes nas esferas institucionais e estruturais da cidade, como a construção de ruas pequenas e praças, e todas essas construções foram inspiradas numa visão eurocêntrica.

A urbanização da borracha advém do período denominado de Belle Époque em Belém, mas afetou todas as cidades ao seu redor, nessa ocasião surgiu dos espaços hegemônicos da cultura burguesa. É interessante notar que foi nesse contexto que se destacaram os “notáveis” e os Romualdos. Em relação a urbanização houve a construção de mais vias urbanas, prédios e a necessidade de teatros para a burguesia. Segundo Milton Santos (2008), esses dois processos de urbanização denominados rugosidades se definem por serem manifestações de outros períodos históricos, mas que ainda estão inseridos na paisagem atual.

O momento da urbanização moderna que tem seu início pós década de 60 que nos traz um conjunto de articulações com determinadas especificidades de espacialidades, funções e formas totalmente dispare, como na primeira situação descrita, que teve seu acontecimento em um momento da história de colonização através da expulsão dos jesuítas pela coroa portuguesa, fato que realizou reformas e implantou algumas estruturas fundamentais na cidade. No segundo momento da urbanização no período da borracha, que alavancou o surgimento dos espaços hegemônicos de caráter burguês, que resultou nas grandes construções para a composição de um espaço urbano que hoje se inter-relaciona com diversos aspectos sociais, econômicos e outros. Aspectos esses que se modificam a cada momento e conseqüentemente modificam a cidade.

### **A formação da identidade cametaense**

A formação histórico-cultural e identitária da cidade de Cametá compreende uma intensa relação com o Rio Tocantins, a igreja católica e figuras políticas e religiosas que ajudaram a tornar o território do município o que é hoje. O roteiro Geoturístico organizado por discentes do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Pará, Campus Cametá, explora os espaços do centro histórico da Cidade, promovendo a análise dos processos e agentes formadores da construção histórica do território, cultura e identidade cametaense. O exercício de Campo, neste contexto, oferece uma gama de possibilidades no que diz respeito à apreensão dos espaços e objetos que compõem a estrutura da cidade e da paisagem urbana, e evidencia qual seu papel na manutenção identitária do povo.

De acordo com Marcos (2006) a prática de pesquisa de Campo pode se transformar também em prática educativa, e fazer com que os dados coletados sirvam como aporte para que a comunidade local se perceba no processo de produção do espaço e seu potencial transformador dentro deste. Desta forma, o trabalho de campo se apresenta como uma metodologia imprescindível para a catalogação de informações que, antes de tudo, contribuam para a formação educativa, não só dos indivíduos envolvidos na pesquisa, bem como da comunidade local do recorte analisado.

A observação da Orla da cidade traz uma dimensão da ligação do município com a dinâmica do Rio. O porto Walter Portilho, visitado pelo grupo participante do roteiro Geoturístico, é um dos muitos portos de propriedade privada da região, sendo estrategicamente localizado às margens da feira Municipal de Cametá, oferecendo um fácil acesso de cargas e consumidores em potencial ao centro comercial da cidade. Essa ligação das dinâmicas econômicas, sociais e territoriais de Cametá com o Rio Tocantins coloca a cidade em situação de certa dependência em relação ao mesmo, apesar da existência de meios de acesso por rodovias, característica que insere Cametá na categoria de Cidade Ribeirinha. (TRINDADE JR. 2012, p.179)

Para se obter uma completa, ou quase, noção da dinâmica local e processos culturais, é importante uma estratégia de aproximação dos moradores da região, para que se possa obter informações essenciais na pesquisa (MARCOS, 2006). O fornecimento de grande parte dos dados recolhidos, vieram dos moradores locais, constituiu um enorme privilégio para a





consolidação da pesquisa, uma vez que fora possível a interação com os indivíduos pertencentes à forma de vida vigente na região cametaense. Cada espaço histórico visitado, cada objeto e dinâmica explicada pelos moradores, ganha um novo significado, pois é possível apreender parte da cultura regional pelos sujeitos reprodutores dessa cultura e identidade.

A influência da igreja católica na formação histórica da cidade é facilmente perceptível uma vez que se observam os espaços centrais do município. A igreja Nossa senhora das Mercês Construída na praça que leva o mesmo nome, localiza-se na parte central da cidade, sendo um dos elementos que representa a forte ligação entre a igreja católica e a identidade do Município. Outro símbolo se faz presente na Paróquia de São João Batista, localizada nas proximidades da Orla da cidade. Construída a partir do ano de 1759 e concluída no ano de 1775 (PASCUM), localizada sobre a praça dos Notáveis.

Conhecida também como a ‘Cidade dos Romualdos’ ou ‘cidade dos Notáveis’, Cametá tem boa parte de sua identidade apoiada na imagem de um seleto grupo de figuras políticas e religiosas da região, que foram eternizadas com a colocação de bustos e suas homenagens na praça com o nome do grupo. Integrantes da elite Cametaense, os Notáveis se constituíram como um conjunto de indivíduos com alta influência política e religiosa na cidade, que tinham como característica a defesa de uma memória elitizada do município, valorizando uma identidade da classe social mais elevada, excluindo da história e da sociedade as pessoas negras, criando através da literatura, o que consideravam um passado glorioso para a cidade. (SOUZA e LEAL, 2014, p.5).

Sob esta mesma ótica elitista, se construiu na cidade uma resistência à cabanagem, movimento emancipatório da Amazônia. Por tal resistência ao movimento legalista, tendo como um dos principais protagonistas o Pe. Prudêncio, a cidade ficou conhecido como “Cidade Invicta” (CRUZ, 2006, p. 148). Os símbolos de resistência à cabanagem ainda podem ser visitados, sendo estes a samaumeira situada na praça Pe. Prudêncio e o monumento retratando a vitória do ‘povo’ (Padre, representando a comunidade religiosa, indígenas e demais moradores) cametaense contra a ‘invasão’ cabana, localizado na praça central de Cametá.

Atualmente uma das maiores marcas da economia e identidade cametaense é a produção de açaí. Conversando com o atravessador Toni Pacheco, pode-se compreender certas características da dinâmica de cultivo e escoamento do açaí. De acordo com Pacheco a chegada



da empresa distribuidora “Bela açaí” na região, mudou as práticas de extrativismo dos produtores cametaenses, uma vez que forneceu treinamento de cultivo e manejo da fruta às famílias encarregadas da extração do açaí. Apesar disso e de alguns benefícios financeiros trazidos às comunidades pela comercialização externa do produto, a vantagem financeira ainda é majoritariamente da empresa que faz a distribuição, já que as famílias que cultivam o açaí vendem as latas com o produto *in natura* por preços muito baixos (CORRÊA, 2016, p. 7). Pacheco informa ainda a existência de uma cooperativa organizada pelos produtores para que haja uma distribuição mais equilibrada dos lucros e coordenação dos lucros.

### **Os impactos socioambientais em Cameté-PA**

A partir dos processos de urbanização e da expansão populacionais na cidade de Cameté várias mudanças ocorreram para ter a modernização da região, visto que se exigiram novas implantações de infraestruturas e adequações de políticas públicas no município. Nesse sentido, na realização do trabalho de campo percebeu-se em algumas praias visitadas na cidade, como exemplo, a Praia da Aldeia, presença de lixos, ocasionando aspectos de poluição, visto que a praia não era limpa nem pelos próprios moradores que vivem nas áreas adjacentes, pois como há uma demanda maior da população, conseqüentemente há a presença maior de resíduos sólidos. Esse fator gera riscos ao meio ambiente, pois pode contaminar não somente a água do mar, mas como também traz danos ao conjunto de seres vivos de um ecossistema, onde predominam espécies diferentes de fauna e flora e também pode trazer prejuízos a atividades pesqueiras, no qual foi observado que são bastante desenvolvidas pelos ribeirinhos da região.

De acordo com a constituição federal todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, em seu Art. 225 no inciso I diz-se “Preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas.” Então, o meio ambiente é um espaço que possui uma diversidade de ecossistema que beneficia toda a vida da terra, no qual se esse ecossistema natural não for preservado serão desenvolvidos impactos, tanto no nível ambiental como em nível populacional: no aumento de despesas municipais, em fazer a limpeza dos lixos periodicamente se caso os cidadãos não reterem os resíduos que consomem, em adquirir doenças por conta da decomposição dos resíduos e em prejuízos aos ribeirinhos, devido a contaminação da água que atinge toda a vida aquática.



A transformação e o crescimento da cidade possibilitou a formação de novas condições de ordenamento espaciais para atender a população local, com isso surgiu o desenvolvimento da usina Hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins. Então, na observação feita na segunda praia visitada, a Praia de Cametá Tapera, percebeu-se muitas ilhas e diferentes formas de espécies de vegetação, mas com a construção da hidrelétrica ocorreu impactos ambientais, pois a usina possibilitou a retirada de partes da cobertura vegetal. No entanto, com a construção da barragem, com a proliferação de lixo nas praias os fatores ecológicos sofreram alterações, pois contribuiu nos impactos da produção pesqueira, na contaminação do rio, que ameaçou a sobrevivência das populações locais e o ecossistema natural.

Além das perdas naturais, houveram perdas de terras, histórias e identidades da população cametaense, pois a construção do projeto é um reflexo de impactos socioambientais. Fearnside (2002) advoga “a Tucuruí tem impactos severos, inclusive perda de floresta, deslocamento de povos indígenas e residentes ribeirinhos na área de submersão, eliminação da pesca a jusante(...)”.

A partir do trabalho de campo em Cametá, analisou-se que o meio ambiente é onde abriga a interação de ordem física, química e biológica, ou seja, é um conjunto que rege a vida existente em um sistema ecológico. Sendo assim, a preservação, a melhoria e a restauração da qualidade ambiental são fundamentais à vida, pois se há a proteção do meio ambiente, assegura a dignidade da vida humana e do meio natural.

### **Considerações finais**

O propósito da realização desse relato de experiência foi o de valorizar a prática do ensino de geografia a partir do trabalho de campo realizado em Cametá-PA. A realização desse relato envolveu e promoveu situações pedagógicas a partir do trabalho de campo integrado em que os alunos tiveram contato com objetos e situações reais relacionadas com o cotidiano e correlacionadas com os estudos prévios, visto que, de maneira imprescindível constitui-se a necessidade de identificar os elementos constituintes da dinâmica sócio espaciais para a compreensão dos processos de modificações do espaço urbano cametaense. Ademais, houve a análise das transformações na cidade de Cametá, tendo em vista sua articulação com as vilas em seu entorno, frente à ação dos agentes produtores do espaço urbano e os processos por eles desencadeados, tendo em vista que esse processo incidiu a prática de observação da relação sociedade x natureza como expressão da produção desigual do espaço. Na construção desse

relato percebeu-se que a prática de campo enquanto processo pedagógico de formação articulada é uma base para a pesquisa e produção científica.

O trabalho de campo é de grande importância para um processo de alargamento do conhecimento geográfico, evidenciando que a pesquisa de campo é uma metodologia ativa para qualquer tipo de sistema educacional. Desse modo, houve a possibilidade de abarcar os conhecimentos teóricos e a capacidade de observar a ciência geográfica na prática. Destaca-se que nessa pesquisa foi possível observar o meio natural com o meio urbano numa cidade do baixo Tocantins, além do mais, a necessidade de sistematizar os dados recolhidos no campo foi a base para a produção desse trabalho. Por conseguinte, os temas abordados durante todo o campo dialogam como o relato, como os aspectos do espaço urbano da cidade como a formação da identidade cametaense e os impactos socioambientais em Cametá-PA. Portanto, a prática de ensino de geografia baseada no trabalho de campo como uma metodologia ativa, produz sujeitos capazes de estabelecer uma aprendizagem autônoma, ou seja, eles se tornam ativamente responsáveis em seu desenvolvimento educacional, e ao mesmo tempo vem fortalecer as correlações entre a teoria e a prática, em busca da práxis edificante, também consolida o ensino e a pesquisa na construção de profissionais mais reflexivos e conscientes de suas ações para além da escala local.

### Referências bibliográficas

ALENTEJANO, Paulo R. R. e ROCHA-LEÃO, Otávio M. **Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 84, p. 51-57. 2006.

BRASIL. Consultoria Jurídica. **Legislação Ambiental Básica**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, UNESCO, 2008. 350 p.

CORRÊA, R. B. **A produção do açaí na Amazônia tocantina: perspectiva para o desenvolvimento regional**. São Luiz: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016, p. 3-7.

CRUZ, V. C. **Pela outramargem da fronteira: Território, identidade E LUTAS SOCIAIS NA AMAZÔNIA**. Niterói: UFF, 2006, p. 147-154.

FEARNSIDE, Philipe M. **Impactos ambientais da barragem de Tucuruí: lições ainda não aprendidas para o desenvolvimento hidrelétrico na Amazônia**. Manaus – Amazonas: INPA, 2002.



KELLNER, D. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-Moderna.** In: SILVA, T.T. (org.), *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 109.

MARCO, V. **Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante.** São Paulo: Boletim Paulista de geografia. N.84, 2006, p. 105-117.

NEVES, Karina Fernanda T.T. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: Reflexões sobre prática docente na educação básica.** Ilhéus: Editus. 2015, p. 135-139.

REGO, N.; CASTROGIOVANNI, Antônio C.; KAERCHER, Nestor A. (Org.s). *Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio*. In: MATHEUS, Elizabeth H.C. **O que há por trás de uma panela? Uma atividade de campo como trajetória a um olhar geográfico.** Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 135-146.

SOUZA, C. C. A.; LEAL, L. A. P. **Memória e história cametaense: Os olhares sobre a identidade tocantina.** Sergipe: IV Congresso Sergipano de História & IV Encontro Estadual de História da Anpuh, 2014, p. 3-10.

SOUZA, J.; PEREIRA, R. **Uma reflexão acerca da importância do trabalho de campo e sua aplicabilidade.** Goiás, Universidade Estadual de Goiás: Espaço de diálogo e prática, 2008

TRINDADE JR., S. C. **A cidade e o rio na Amazônia: Mudanças e permanências face as transformações sub-regionais.** Revista Terceira Margem Amazônia. Vol.1, n. 1, 2012, p. 177-181.